

PET EDUCAÇÃO POPULAR: USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL COMO FERRAMENTA NO LETRAMENTO DIGITAL NA LINDI - LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA¹

Autores(as): SANTOS, Willian Souza¹; PEREIRA, Beatriz de Andrade ²; MARTINS, Mariana Rebouças²; SCHROEDER, Marisol Zamboni²; MORAIS, Sthephany Nicole Cassiano de²; PINI, Francisca Rodrigues de Oliveira³; LEONARDI, Fabricio Gobetti⁴ SILVA, Maria Liduina de Oliveira e⁴; ASSUMPÇÃO, Raiane Patrícia Severino⁴.

¹Grupo PET Educação Popular, UNIFESP, Campus Baixada Santista; ²Grupo PET Educação Popular, UNIFESP, Campus Baixada Santista, ³Tutora do Grupo PET Educação Popular, UNIFESP, Campus Baixada Santista; ⁴Co-Tutor (a) do Grupo PET Educação Popular, UNIFESP, Campus Baixada Santista.

E-mail: willian.souza@unifesp.br, pet.ep.unifesp@gmail.com

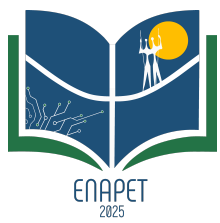
RESUMO: O PET Educação Popular “Criando e Recriando a Realidade Social”, fundamentado em autores como Paulo Freire, bell hooks, Nêgo Bispo e Ailton Krenak, desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão nos territórios da Baixada Santista, com a finalidade de promover o compartilhamento de saberes dialógicos entre universidade e comunidade. Em parceria com a Licenciatura Intercultural Indígena (LINDI) da UNIFESP, o grupo atuou no desenvolvimento de um projeto de letramento digital dirigido a estudantes indígenas, que enfrentavam desafios linguísticos e dificuldades de acesso às tecnologias digitais em sua formação acadêmica. As atividades utilizam do uso de ferramentas de Inteligência Artificial (IA), permitindo a transcrição de áudios e a formação de textos em português, como apoio pedagógico, contribuindo, desse modo, para a promoção da autonomia digital, o acompanhamento dos estudos e a permanência acadêmica dos estudantes indígenas.

Palavras-chave: Educação popular; IA; Letramento Digital; LINDI.

PET POPULAR EDUCATION: USE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE AS A TOOL IN DIGITAL LITERACY IN LINDI – INTERCULTURAL INDIGENOUS TEACHING DEGREE

ABSTRACT : The PET Popular Education "Creating and Recreating Social Reality", based by authors such as Paulo Freire, bell hooks, Nêgo Bispo and Ailton Krenak, develops teaching, research and extension actions in the territories of Baixada Santista, in order to promote the sharing of dialogical knowledge between university and community. In partnership with UNIFESP's Intercultural

¹Área de conhecimento: Ciências Humanas e Educação (7.08.00.00-6); Ecosistema de inovação: Educação, Sociedade & Economia; Áreas transversais: Transformação Digital; ODS: Educação de Qualidade.



Indigenous Teaching Degree (LINDI), the group works in the development of a digital literacy project aimed at indigenous students, who face linguistic challenges and difficulties in accessing digital technologies in their academic background. The activities use the use of Artificial Intelligence (AI) tools, allowing the transcription of audios and the formation of texts in Portuguese, as pedagogical support, thus contributing to the promotion of digital autonomy, the monitoring of studies and the academic permanence of indigenous students.

Keywords: Popular Education; Digital Literacy; Artificial Intelligence; LINDI.

1. INTRODUÇÃO

O Grupo PET Educação Popular: “Criando e Recriando a Realidade Social, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)”, Campus Baixada Santista, foi iniciado em 2010, pela professora Raiane Patrícia Severino Assumpção, professora do curso de Serviço Social e atual reitora da UNIFESP, com o intuito de realizar ações de ensino, pesquisa e extensão nos territórios da Baixada Santista.

O desenvolvimento das ações do PET Educação Popular buscou valorizar os conhecimentos populares da comunidade que teve a intersecção de classe, gênero, gerações, pessoas com deficiência e raça/etnia na construção do desenvolvimento sustentável e na promoção dos direitos humanos. Ao exercitar a educação libertadora nos territórios fortaleceu a luta por direitos humanos e sociais, a integração sob diferentes Leituras do Mundo e promoção ao diálogo como prática transformadora.

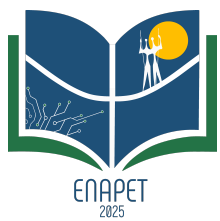
Com isso, o PET Educação Popular atua em diversos territórios da Baixada Santista, inclusive dentro e fora da universidade, entre as ações que ocorreram o uso de Inteligência Artificial como ferramenta facilitadora no eixo extensão do Tripé como, por exemplo, o projeto de letramento digital com os discentes do curso de Licenciatura Intercultural Indígena (LINDI) da UNIFESP/Campus Baixada Santista. A Inteligência Artificial se encontra muito atual no cenário nacional e internacional, o seu uso crítico e responsável exige compreendê-la como ferramenta no processo educacional e não como realizadora de ações.

2. METODOLOGIA

A proposta teve como base estudos de formação sustentados nos referenciais teórico-metodológicos, os quais propõem uma educação crítica, dialógica e transformadora (Freire, 1987). O referencial da educação popular nos inspira, em uma concepção de ensino, extensão e pesquisa orientada pela práxis, a interculturalidade, interseccionalidade (Hooks, 2017), e por uma perspectiva contra-colonial que busca romper com paradigmas eurocentrados.

Tal fundamentação valoriza a Leitura do Mundo dos sujeitos e suas realidades concretas, reconhecendo os diferentes modos de produzir conhecimento e atribuir sentido à





experiência (Freire, 1996). Nesse contexto, as ações se propõem a construir coletivamente, em parceria com os estudantes da Licenciatura Intercultural Indígena (LINDI), um projeto que se dá por meio do diálogo e do reconhecimento dos saberes locais.

A experiência ocorreu durante o primeiro semestre de 2024, e se concretizou durante o período denominado *tempo-universidade*, momento em que os estudantes indígenas participaram presencialmente das atividades acadêmicas na instituição, geralmente durante uma semana a cada mês. Nesse intervalo, os estudantes dedicam o dia aos estudos, e, ao retornarem ao alojamento, ocorrem os encontros de plantão organizados pelo grupo PET. Esses encontros acontecem no próprio local de hospedagem dos estudantes, em um ambiente que favorece a troca de saberes e o acompanhamento individualizado.

Cada estudante trouxe o seu notebook para a realização das atividades, e os coordenadores da LINDI disponibilizaram previamente um roteiro com as tarefas a serem desenvolvidas naquele encontro. Esse roteiro incluiu orientações práticas que envolveram desde o uso de ferramentas digitais, como acesso e gerenciamento de e-mails, elaboração de documentos colaborativos em plataformas online e criação de apresentações no PowerPoint até o aprimoramento de habilidades básicas de informática, como comandos de teclado e navegação em diferentes aplicativos.

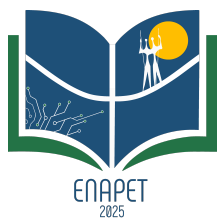
Além da participação do grupo PET, outros grupos de extensão também colaboram nesses plantões, compondo uma rede de apoio coletivo, mobilizados pela tutora do PET. A organização seguiu um sistema de rodízio, de modo que, a cada dia da semana, um grupo de plantonistas se responsabilizou por acompanhar os estudantes durante um período de aproximadamente duas horas. Para favorecer a continuidade do processo e o fortalecimento dos vínculos, foi acordado que cada plantonista mantenha o acompanhamento do mesmo estudante ao longo dos meses, o que contribui para uma relação mais próxima, acolhedora e formativa.

Ao término de cada encontro, os estudantes indígenas foram convidados a expressar suas percepções sobre o aproveitamento das atividades, as dificuldades encontradas e possíveis sugestões para aprimorar os próximos encontros. Em seguida, os petianos e demais plantonistas também preenchem um formulário avaliativo, no qual relatam suas impressões sobre o desenvolvimento das tutorias e propõem melhorias para a continuidade do projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro semestre de 2024 foi um marco histórico para Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), tendo em vista que após 10 anos de muita luta da comunidade e de coletivos indígenas junto com a universidade, a primeira turma da Licenciatura Intercultural Indígena (LINDI) foi fundada. Em uma dinâmica que valoriza os saberes do território e busca garantir que a aproximação com a universidade não represente o afastamento das comunidades de origem, os estudantes permanecem uma semana no campus e o restante do





mês na aldeia indígena. Dessa forma, foram se apropriando de um espaço acadêmico que, historicamente, lhes foi negado sem se desvincular do território (FREIRE, 1996).

A LINDI fazer parte de uma universidade pública é uma vitória tanto para academia quanto para a população, contudo surgem responsabilidades com a conquista, como permitir que o espaço universitário seja acolhedor e proveitoso para que esse grupo se sinta pertencente. Para isso, o PET Educação Popular em conjunto com o Laboratório de Transdisciplinaridade e a equipe LINDI, se uniram para pensar maneiras de auxiliar os estudantes indígenas através de monitorias relacionadas ao uso dos computadores e em relação às dúvidas sobre o funcionamento da Universidade.

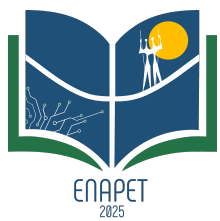
Pensando nisso, foram criados grupos com estudantes os quais participam de diversas extensões universitárias (Projeto de Extensão Vozes das Crianças, Adolescentes e Jovens: Educação em Direitos Humanos e Quilombagem e Escola: da memória à história pública) e o PET Educação Popular, a fim de dialogar mensalmente com estudantes indígenas, em forma de plantões, no local onde estavam hospedados, na semana dos estudos na Universidade.

Os alunos e professores do curso reconheceram algumas dificuldades em habilidades básicas de informática como produção de documentos, organização de pastas no Google Drive, construção de slides e redigir textos no Word. Com isso, foi analisado que o que agravava essa defasagem era justamente o fato dos discentes falarem e escreverem em sua língua nativa e possuírem dificuldade em escrever na língua portuguesa para a entrega de trabalhos. Havia uma barreira linguística e a forma que encontramos para sanar essa dificuldade foi através do uso de uma Inteligência Artificial (IA) do aplicativo de mensagens Whatsapp, o Blip ViraTexto, que permitia que o usuário gravasse um áudio e a ferramenta transcrevia a gravação em palavras, assim os alunos que não sabiam escrever português podiam utilizar esse recurso como uma forma de amenizar as barreiras culturais existentes nesse processo.

O uso da IA, portanto, não foi apenas um recurso tecnológico, mas uma estratégia pedagógica alinhada aos princípios da educação popular, pois respeitou os saberes e as formas de expressão dos estudantes indígenas, promovendo sua autonomia e valorizando suas identidades culturais. Ao inserir um recurso tecnológico como instrumento de mediação entre distintas culturas e línguas, a educação se reafirma como ferramenta democrática que instiga o diálogo e autonomia entre os sujeitos envolvidos. Conforme destaca Carlos Rodrigues Brandão (2006), a educação popular busca muito mais do que a criação de um método de ensino voltado “para o povo”. Trata-se, nas palavras do autor, de:

“[...] fundar não apenas um novo método de trabalho ‘com o povo’ através da educação, mas toda uma nova educação libertadora, através do trabalho do/com o povo sobre ela — este é o sentido em que a educação popular projeta transformar todo o sistema de educação, em todos os seus níveis, como uma educação popular.” (BRANDÃO, 2006, p. 47)





Assim, a experiência com o uso da IA entre os estudantes da LINDI concretiza essa visão de Brandão (2006), ao promover uma prática educativa que emerge da realidade dos participantes, integra saberes diversos e transforma as relações de ensino-aprendizagem em um processo coletivo de autonomia e libertação.

4. CONCLUSÕES

A atividade consistiu na realização de oficinas de letramento digital e durante os encontros, os estudantes interagiram explicitando suas dúvidas em relacionadas às ferramentas utilizadas nos computadores para a realização de trabalhos. Após cada semana de plantão foram feitas avaliações afirmando que os estudantes possuem muito interesse e muitas dúvidas, e que foi muito importante e acolhedor o momento de estar presente junto à comunidade.

O uso da Inteligência Artificial, como o Blip ViraTexto, mostrou-se como uma ferramenta inovadora no âmbito acadêmico para superar as barreiras linguísticas e culturais enfrentadas pelos estudantes. Ao permitir que os discentes transcrevessem suas falas em palavras, o uso da IA promoveu autonomia e participação ativa da população em seu processo de aprendizagem, sem ignorar os saberes e as formas de expressão desses sujeitos.

Essa experiência evidenciou que a tecnologia pode ser incorporada de maneira ética e crítica dentro da educação, alinhando-se aos princípios da educação popular, que valoriza a construção coletiva do conhecimento e a transformação das relações de ensino-aprendizagem.

Além disso, é importante ressaltar que os encontros não foram somente um aprendizado para os estudantes da LINDI, mas também um aprendizado gigantesco para a comunidade de extensionistas que se colocou na linha de frente deste projeto. Conforme se ensina, também existe um enorme potencial de aprender.

5. AGRADECIMENTOS

Aproveitamos este espaço para agradecer ao Ministério da Educação e ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação pelo contínuo apoio e incentivo às atividades do PET. Estendemos nossos agradecimentos à UNIFESP, por possibilitar projetos e programas que enriquecem a experiência universitária, e, de maneira especial, à nossa tutora, Francisca Rodrigues de Oliveira Pini, bem como aos co-tutores Maria Liduina de Oliveira e Silva, Fabrício Gobetti Leonardi e Raiane Severino Assumpção, pelo empenho e por compartilharem a práxis da educação popular nas comunidades da Baixada Santista. Também agradecemos os estudantes da LINDI, pela paciência, dedicação e aprendizado mútuo, e a coordenação da licenciatura, pelo suporte contínuo, pela facilitação de todo o processo de



ensino-aprendizagem e por possibilitar essa aproximação tão valiosa entre universidade e comunidade. Por último, mas não menos importante, à todas/os petianas/os e estudantes de outros projetos de extensão que não mediram esforços para participar deste projeto.

6. REFERÊNCIAS

AZAMBUJA. Celso Candido de; SILVA. Gabriel Ferreira da. Novos desafios para a educação na Era da Inteligência Artificial. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fun/a/jWKkyjpRzxjm6c85yCKv4MN/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 26 Ago.2025

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação popular. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 17.ed., 1987.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017